



MAPA DE REDE SOCIAL SIGNIFICATIVA NA PESQUISA QUALITATIVA COM CRIANÇAS: ADAPTAÇÃO E APLICAÇÕES

SIGNIFICANT SOCIAL NETWORK MAP IN QUALITATIVE RESEARCH WITH CHILDREN: ADAPTATION AND APPLICATIONS

Isabella Goulart Bittencourt¹

Carolina Schmitt Colomé²

Marina Menezes³

Resumo: As redes sociais significativas repercutem na vida das crianças desde a infância, e as perspectivas de apoio social percebido, recebido e prestado seguem influenciando ao longo do desenvolvimento. Assim, é relevante compreender como se estrutura a rede social pessoal de crianças, e quais as funções desempenhadas pelos membros da rede, sob a ótica infantil. No entanto, utilizar os mesmos recursos metodológicos da investigação com adultos em estudos com a população infantil não é suficiente. Diante disso, o objetivo deste estudo foi apresentar a adaptação do Mapa de Rede proposto por Carlos E. Sluzki, como instrumento de coleta de dados em pesquisas qualitativas com crianças em idade escolar. Destaca-se sua aplicabilidade em diferentes contextos de atuação e pesquisa, como as áreas da saúde, educação e assistência social, a partir de uma perspectiva qualitativa, que permite compreender, em sua complexidade, a dinâmica relacional que permeia as realidades socioculturais das crianças.

Palavras-chave: Apoio Social; Criança; Metodologia Qualitativa; Redes de Apoio Social.

Abstract: Significant social networks have an impact on children's lives since childhood, and the perspective of perceived, received and provided social support continue to influence them throughout their development. It is therefore important to understand how children's personal social networks are structured and what roles the members of the network play from a child's perspective. However, using the same methodology resources from research with adults in studies with children is not enough. In view of this, this study aimed to present an adaptation of Carlos E. Sluzki's Network Map as a data gathering tool for qualitative research with school-age children. Its applicability in different work and research contexts, such as health, education and social assistance, is highlighted from a qualitative perspective, which allows a complex understanding of the relational dynamics within children's socio-cultural realities.

Keywords: Social Support; Children; Qualitative Methodology; Social Support Networks.

1 Introdução

O apoio social e a rede de apoio social são aspectos relevantes que devem ser considerados, cada vez mais, como elementos importantes no planejamento de pesquisas e na estruturação de estratégias de prevenção de agravos e intervenção direcionadas à

¹ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: isabellagoulartb@gmail.com

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: carolcolome@gmail.com

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: menezes.marina@ufsc.br



infância, tendo em vista o seu papel na promoção e na proteção da saúde (American Psychological Association, 2025; Morais; Koller; Raffaelli, 2012). Além disso, os sistemas de apoio social têm impacto na vida das crianças durante a infância e ao longo de seu desenvolvimento, influenciando suas redes de apoio posteriores e suas perspectivas de apoio social percebido, recebido e prestado (Gomes; Palombo; Silva; Oliveira, 2024; Nestmann; Hurrelmann, 1994; Xiong *et al.* 2022). Dessa forma, destaca-se a necessidade de se compreender como, por que e quando o apoio social e a rede de apoio social atuam na infância, o que aponta para a imprescindibilidade de metodologias de pesquisa e a intervenção adequadas para este fim.

A compreensão e a mensuração do apoio social recebido pelas crianças têm sido realizadas principalmente pela perspectiva de adultos (um dos pais ou o responsável pela criança) ou por ela mesma (Baumgartner *et al.* 2012; Nevard *et al.* 2021). Entretanto, estudos que se propõem a investigar apoio social e rede social de crianças não podem apenas aplicar os procedimentos metodológicos utilizados na investigação das redes sociais de apoio de adultos, é indispensável que sejam respeitados também os aspectos desenvolvimentais específicos da infância nesse cenário (Cortés, 2017; Nestmann; Hurrelmann, 1994; Njelesani *et al.* 2022). Pesquisas que abarcam as perspectivas de crianças sobre a própria rede e o apoio que lhes é fornecido em determinadas situações são relevantes, pois, em momentos de crise, aprender a nomear as pessoas que compõem as redes sociais significativas pode contribuir para decisão e identificação dos vínculos que podem ser ativados, desativados, ou modificados (Sluzki, 1997), favorecendo seu papel protetivo (Spilsbury; Korbin, 2013; Xiong *et al.* 2022).

Assim, salienta-se a importância de desenhos metodológicos alinhados ao público infantil, por meio do desenvolvimento de instrumentos e técnicas de pesquisa que considerem os aspectos cognitivos e socioemocionais de crianças, adequando-se à linguagem e aos interesses destas. Dessa forma, o objetivo deste estudo é apresentar o processo de adaptação de um instrumento denominado Mapa de Rede Social Significativa, para a utilização em pesquisas qualitativas com crianças em idade escolar (de seis a 12 anos). Esse Mapa foi desenvolvido, originalmente, por Sluzki (1997), para ser utilizado em contexto de psicoterapia familiar, tendo adultos como respondentes.

A adaptação e a inclusão do Mapa de Rede Social Significativa como instrumento de coleta de dados em pesquisas qualitativas brasileiras foram realizadas por Moré (2005) e sistematizadas por Moré e Crepaldi (2012), possibilitando a investigação das redes sociais pessoais em diversos contextos, tais como: a) gestação de alto risco (Maffei *et al.*



2022); b) coparentalidade (Grassi; Menezes; Moré, 2022); c) anorexia nervosa (Leonidas; Santos, 2020); d) uso abusivo de álcool (Borges; Schneider, 2024); e) luto antecipatório no contexto dos cuidados paliativos (Reis *et al.* 2024); f) aposentados (Antunes; Moré, 2020); g) homens em situação de rua (Reis; Azevedo, 2020); h) pacientes bariátricas com recidiva de obesidade (Scherer; Moré; Krenkel, 2023); i) profissionais de saúde durante a pandemia de COVID-19 (Rigão *et al.* 2022), entre outros.

No entanto, o Mapa de Rede, na investigação das redes sociais significativas de crianças, até o presente momento, não foi operacionalizado. Complementarmente, e a fim de favorecer a elaboração de futuros estudos, que tenham como objetivo analisar a dinâmica relacional das redes sociais significativas infantis utilizando o Mapa de Rede adaptado para crianças, serão apresentadas pesquisas em desenvolvimento que aplicam a adaptação para crianças, a qual foi realizada por pesquisadoras do Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC), da Universidade Federal de Santa Catarina.

2 Conceituando apoio social e rede social

O *apoio social* tem sido definido segundo diferentes perspectivas. Enquanto construto isolado, pode ser entendido como relacionado à percepção de ser cuidado, apoiado e valorizado por alguém afetivamente disponível e em diferentes dimensões, sejam elas: emocional, instrumental, informacional e cognitiva (Gottlieb; Bergen, 2010; Langford *et al.* 1997; Smith; Christakis, 2008; Thoits, 2011; Uchino, 2009; Umberson; Crosnoe; Reczek, 2010). Compreende-se o conceito como uma faceta funcional das relações interpessoais, a partir de um ponto de vista sistêmico, que considera, de forma ampla, os tipos de contexto e os atores envolvidos nas interações e nas funções que assumem para os indivíduos (Due *et al.* 1999; Gonçalves *et al.* 2011; Smith; Christakis, 2008).

Essas relações também são constituídas por elementos estruturais, correspondentes ao termo *rede social*, abarcando o número de membros, a duração e a frequência dos contatos, a diversidade e a densidade dos vínculos, por exemplo. Sendo assim, diferencia-se rede social de apoio social, conceitos relacionados, mas não equivalentes, de modo que este se constitui como uma função dessa, podendo ser prestado pelos seus diferentes membros. Destarte, o apoio social se caracteriza enquanto aspecto



funcional das relações sociais, enquanto a rede social é entendida enquanto sua faceta estrutural (Due *et al.* 1999; Gonçalves *et al.*, 2011; Smith; Christakis, 2008).

A *rede social significativa* é o construto proposto por Sluzki (1997) para definir o conjunto de pessoas com as quais um indivíduo se relaciona e que desempenham um papel importante no seu cotidiano. Desse modo, abrange a totalidade de vínculos interpessoais do sujeito, provenientes de contextos diversos, como família, relações de amizade, de trabalho/escola e de inserção comunitária (Sluzki, 1997). A possibilidade de se sentir reconhecido pelo outro, pela compreensão, aceitação e pelo respeito às próprias emoções, opiniões, ações, sentimentos e comportamentos, bem como por meio de ajuda material ou de conselhos, evidencia a importância do papel desempenhado pelas redes na vida dos sujeitos (Sluzki, 1997; Thoits, 2011; Uchino, 2009; Umberson; Crosnoe; Reczek, 2010).

Nessa perspectiva, uma rede social considerada ativa, estável e sensível às necessidades do indivíduo desempenha um papel de proteção contra o sofrimento ou adoecimentos físico e mental, atuando como facilitadora do acesso aos serviços de saúde e aceleradora dos processos de tratamento e cura (Moré; Crepaldi, 2012; Sluzki, 1997; Thoits, 2011; Uchino, 2009; Umberson; Crosnoe; Reczek, 2010). A qualidade da rede social tem relação direta com a qualidade do desenvolvimento pessoal do indivíduo, tendo em vista que ambos, rede e sujeito, afetam-se reciprocamente (Moré; Crepaldi, 2012; Sluzki, 1997). Desse jeito, o que se passa com o indivíduo afeta a sua rede social.

A rede social significativa pode ser compreendida em termos de *estrutura*, *função* e *atributos* dos vínculos (Sluzki, 1997). Em relação à *estrutura*, podem ser observados: a) tamanho: quantidade de pessoas que constituem a rede; b) densidade: qualidade da relação entre os membros, no que tange à influência que pode exercer sobre o sujeito; c) composição ou distribuição: posição de cada membro na rede; d) dispersão: distância geográfica entre o sujeito e os membros de sua rede; e e) homogeneidade/heterogeneidade: relativo a variáveis como idade, sexo, cultura e nível socioeconômico dos membros. As *funções* estão relacionadas à qualidade dos vínculos construídos, os quais têm como base *atributos*, como a história, a intensidade (compromisso), a frequência dos contatos e a mutualidade de cada relação.

Assim, dependendo do tipo de trocas interpessoais estabelecidas pelos membros da rede, podem ser destacadas funções de: a) companhia social: realizando atividades conjuntas, ou simplesmente estando junto em determinadas situações importantes; b) apoio emocional: fornecendo suporte, compreensão e empatia; c) guia cognitivo:



proporcionando informação e orientação, bem como modelos de papéis; d) regulação social: neutralizando possíveis desvios comportamentais, lembrando responsabilidades, contribuindo na resolução de conflitos; e) ajuda material ou de serviços: disponibilizando auxílio financeiro, material ou de serviços especializados, como é o caso dos setores de saúde e assistência social; e f) acesso a novos contatos: possibilitando a abertura para o estabelecimento de novas relações. Entre os atributos dos vínculos, é possível observar a multidimensionalidade ou a versatilidade, que permite que cada vínculo da rede possa desempenhar várias funções; inclusive as predominantes, que se tipificam pela função ou combinação de funções que caracterizam de forma prevalente cada vínculo da rede do sujeito (Sluzki, 1997).

3 Investigando o apoio social e a rede social no contexto da infância

Uma compreensão integral das experiências sociais das crianças e do papel que elas desempenham no seu bem-estar requer a consideração da estrutura e da funcionalidade das redes sociais na infância (Maturana, 2016). Na literatura, são indicados recursos que a rede das crianças pode oferecer a elas, como: informações, assistência material, afeto, conforto físico, escuta empática, assistência na solução de problemas, e garantia de valor (Belle; Benenson, 2014; Nevard *et al.* 2020). Além disso, de acordo com Maturana (2016), estima-se que as redes sociais de crianças podem ter as seguintes funções: a) de apoio social/de companhia (brincar, manter a proximidade, interagir, e rir ou sorrir com um parceiro social); b) apoio emocional (expressões de afeto, como beijos e abraços; além de reconhecimento de sentimentos ou emoções por meio de ações ou expressões verbais e oferecer conforto com toques, conversas e expressões faciais, como sorrisos); c) apoio material (um parceiro social empresta ou dá um objeto que a criança deseja, como um brinquedo ou algo para comer); d) apoio instrumental (ajuda “concreta” que uma criança recebe de um parceiro social, para alcançar um objeto que não consegue pegar sozinha, e ajudar a criança a terminar/executar uma atividade ou tarefa); e e) apoio informativo (qualquer tipo de conselho/informação que seja útil para executar uma tarefa, lidar com dificuldades ou encorajar um comportamento adequado, como demonstração física ou esclarecimento verbal sobre como realizar uma atividade).

Em retrospectiva, a perspectiva da criança acerca do apoio social recebido em diferentes contextos e situações e da sua rede apoio foi investigada por autores que utilizaram instrumentos e técnicas distintos em suas pesquisas: Mapa dos Cinco Campos



(Cardoso *et al.* 2020; Furtado *et al.* 2021; Samuelsson; Thernlun; Ringström, 1996); Ecomapa (Baumgartner *et al.* 2012; Wawrzynski *et al.* 2022); Observação Participante (Maturana, 2016), *My Family and Friends* (Reid *et al.* 1989); *Social Network Interviews* (Franco; Levitt, 1997); *Children's Inventory of Social Support* (Wolchik *et al.* 1989); *Network of Relationships Inventory* (Furman; Buhrmester, 1985); e Mapa de Rede, baseado na proposta de Sluzki (1997) (Castro, 2014; Cepa, 2011; Nunes *et al.* 2021; Teixeira, 2011). Ressalta-se a ausência de menção referente à adaptação deste instrumento à população infantil, entre os estudos citados que utilizaram o Mapa de Rede de Sluzki (1997), os quais usaram a versão que Sluzki propôs para ser utilizada com adultos.

O Mapa dos Cinco Campos (Samuelsson; Thernlun; Ringström, 1996) é um instrumento que se propõe a avaliar a estrutura e as funções da rede de apoio, considerando a quantidade e a qualidade dos vínculos estabelecidos. Foi elaborado a partir de uma necessidade persistente de encontrar formas de medir as redes sociais e o apoio social fornecido às crianças, sob o ponto de vista delas (Samuelsson; Thernlun; Ringström, 1996). É composto por seis círculos concêntricos e dividido em cinco setores (família, parentes, contatos formais, escola e amigos/vizinhos) e mede a proximidade e a estrutura (o número de pessoas importantes e a composição), comparando o tamanho relativo dos diferentes setores e a distribuição de crianças e adultos e de homens e mulheres. Além disso, os contatos negativos, os conflitos e a insatisfação são especificamente assinalados neste mapa (Nascimento *et al.* 2016; Samuelsson; Thernlun; Ringström, 1996).

A adaptação do Mapa dos Cinco Campos para o contexto brasileiro foi realizada por Hoppe (1998) e se diferencia do Ecomapa (Hartman, 1978), que corresponde a uma representação gráfica de uma rede de apoio social, que possui linhas, formas e cores, e descreve visualmente o apoio disponível para as pessoas em cada contexto, com intuito de compreender suas demandas e elaborar estratégias de intervenção (Baumgartner *et al.* 2012; Nascimento *et al.* 2016). Segundo Baumgartner *et al.* (2012), quando aplicado com crianças, o Ecomapa documenta quatro aspectos principais do sistema de apoio: os tipos de apoio, a força e a natureza dos relacionamentos e os domínios de desenvolvimento apoiados (social, emocional, físico, linguagem, cognitivo, criativo).

A Observação Participante realizada por Maturana (2016) consistiu na descrição qualitativa e quantitativa dos sistemas de apoio social disponíveis para crianças de quatro grupos étnicos diferentes, que residiam em um assentamento urbano informal no Quênia.



O estudo e a revisão sistemática, realizados pela autora supracitada, auxiliaram na adaptação do Mapa de Rede de Sluzki, em sua versão para crianças, à medida que proporcionaram descrições dos modos pelos quais estas se sentiram apoiadas por diferentes membros de suas redes sociais significativas. Essas contribuições permitiram a elaboração de exemplos condizentes à realidade infantil, considerando as adequações necessárias em relação às questões culturais, sociais e contextuais.

A técnica denominada *Social Network Interviews* foi adaptada por Franco e Levitt (1997), da *Hierarchical Mapping Technique* de Antonucci (1986). A avaliação das redes sociais infantis pode ser realizada por meio de entrevistas conduzidas individualmente com cada criança (de 4 a 5 anos), pedindo a elas que nomeiem quem são as pessoas que as amam, quem mora nas suas casas e quem são seus melhores amigos. Cada membro mencionado ganha um “bonequinho” com o seu nome, que fica à disposição da criança durante o restante da entrevista. Solicita-se que ela indique quem fornece cada uma das cinco funções de apoio (*reassure, sick care, show how, make happy, play games*), a partir das perguntas: “quem brinca com você?”; “quem cuida de você quando está doente?”; “quem faz você se sentir melhor quando está triste?”; “quem faz você se sentir feliz?”; e “quando você não sabe como fazer algo, quem lhe mostra como fazer?”.

O instrumento elaborado por Reid *et al.* (1989), nomeado “*My Family and Friends*”, consiste em 12 diálogos, baseados nos princípios de Vygotsky (1896-1934), e fornece informações sobre as percepções das crianças (de seis a 12 anos) sobre a disponibilidade dos indivíduos em suas redes, para fornecerem diferentes tipos de apoio social, bem como a satisfação com a ajuda que recebem. O instrumento avalia apoio emocional, informacional, instrumental, de companhia e os conflitos das relações, por meio de consignas como: “quando você quer compartilhar seus sentimentos [como se sentir feliz, triste ou com raiva]...”; “quando você quer que alguém lhe fale ou mostre coisas que o ajudem a aprender mais sobre como o mundo funciona [como construir ou consertar algo]”; “quando você precisa de ajuda para fazer seus trabalhos escolares [trabalho doméstico], como leitura, ortografia, tarefas de matemática ou projetos...”; “quando você quer sair ou fazer coisas realmente divertidas...”; e “quando você fica chateado ou com raiva, mesmo que não mostre para a outra pessoa...” (Reid *et al.* 1989).

O *Children’s Inventory of Social Support* propõe medir cinco tipos de apoio: recreação, aconselhamento, bens/serviços, apoio emocional e *feedback* positivo (Wolchik *et al.* 1989). Durante a coleta de dados, os pesquisadores definem cada tipo de apoio para as crianças participantes, com idades entre oito e 15 anos. Posteriormente, elas listam



todas as pessoas de sua família e de outros contextos que forneceram cada tipo de apoio nos últimos meses. Igualmente, é solicitado que elas elenquem as pessoas que as fizeram sentir mal, com raiva ou chateadas, indicando a idade, o sexo e o relacionamento (por exemplo, primo) de cada membro da rede.

O *Network of Relationships Inventory* é composto por 30 perguntas que avaliam, utilizando a escala Likert, dez características de relacionamentos: aliança confiável, aumento do valor, ajuda instrumental (orientação), companheirismo, afeto, intimidade, poder relativo da criança e do outro, conflito, satisfação e importância da relação (Furman; Buhrmester, 1985). Na investigação citada, crianças de 11 a 13 anos responderam a perguntas acerca das relações com mãe ou madrasta, pai ou padrasto, avô, irmão mais velho, irmão mais novo, irmã mais velha, irmã mais nova, melhor amigo e professor. Quando a criança conhecia mais do que uma pessoa em uma dessas categorias, ela deveria classificar a relação que lhe era mais importante.

Tendo em vista o panorama atual de instrumentos de coleta de dados em pesquisas sobre as redes sociais pessoais infantis, optou-se por realizar a adaptação do Mapa de Rede de Sluzki (1997) para o uso com crianças em idade escolar. Isso se justifica devido ao posicionamento teórico-epistemológico que embasa o modelo conceitual deste instrumento: o pensamento sistêmico, cujos pressupostos se contrapõem ao paradigma tradicional da ciência e se caracterizam pela: a) intersubjetividade (compreensão de que a construção do conhecimento é conjunta, não havendo realidade independente do pesquisador; assim, a relação entre este e o participante é uma condição *sine qua non* para a realização da pesquisa); b) complexidade (interrelação existente entre os diferentes fenômenos, de modo que a produção de conhecimento é entendida como atividade sempre situada em um tempo e um momento, de forma incompleta e não onisciente); c) instabilidade (reconhecida como a incontrollabilidade e o caráter dinâmico e processual dos fenômenos e da realidade apreendida nas pesquisas) (Moré; Crepaldi, 2012; Vasconcellos, 2009).

Entende-se que tal paradigma coaduna-se com dimensões da epistemologia qualitativa na produção de conhecimento científico, conforme descrito por González-Rey (2002), sobretudo com o aspecto interativo, que corresponde à intersubjetividade. A relação estabelecida entre pesquisador e participante é uma condição para que possam ser realizados estudos acerca dos fenômenos humanos e para o desenvolvimento da pesquisa na área de ciências humanas (González-Rey, 2002; Moré, 2015; Pyo *et al.* 2023). Em estudos que têm crianças como participantes, a relação estabelecida entre elas e o



pesquisador é central para obtenção de dados que respondam, de maneira ética, aos objetivos. É preciso construir relações de modo mais horizontal e empático, a fim de que crianças e adultos sejam coconstrutores dos processos de pesquisa (Cortés, 2017; Powell; Graham; Truscott, 2016). Nesse sentido, entende-se que os procedimentos adotados para a coleta de dados com o Mapa de Rede, versão para crianças, que está apresentado na seção 5, é coerente com o pressuposto da intersubjetividade, por ser um instrumento que possibilita que a criança se sinta parte do processo de investigação, podendo expressar suas visões.

De modo complementar, inclui-se a relevância da dimensão contextual em estudos qualitativos, a qual alude ao pressuposto da complexidade (Moré, 2015; Vasconcellos, 2009; Pyo *et al.* 2023). Em pesquisas qualitativas, os significados que emergem são provenientes da interrelação entre os diferentes contextos do desenvolvimento humano, e o reconhecimento destes é uma condição inerente à prática do pesquisador de abordagem qualitativa (Moré, 2015). A compreensão dos contextos é da mesma forma relevante em estudos sobre as redes sociais infantis, de modo que aspectos socioculturais e normas familiares, para o que é esperado em relação às crianças, também podem influenciar o conteúdo e as funções dos seus sistemas de apoio social (Van Aken; Coleman; Cotterell, 1994). Ademais, o contexto em que o apoio está sendo fornecido por um membro da rede pode influenciar o modo como este é interpretado pela criança (van Aken; Coleman; Cotterell, 1994).

A realização de investigações qualitativas com crianças também pode ser considerada imprevisível (Powell; Graham; Truscott, 2016), consoante com o pressuposto da instabilidade, e exige que os pesquisadores reflitam criticamente sobre os contextos de pesquisa durante o planejamento e sua implementação, para garantirem que o estudo seja ético, relevante e respeitoso (Cortés, 2017; Water *et al.* 2020). Assim, as perspectivas de uma pesquisa qualitativa construtiva-interpretativa-indutiva e do pensamento sistêmico convergem com a concepção de desenvolvimento humano e de redes sociais significativas, enquanto fenômenos multifacetados, complexos e recursivos.

Além disso, a maioria dos instrumentos utilizados em pesquisas com adultos analisam o apoio social por meio de perguntas realizadas em entrevistas ou de instrumentos de autorrelato (Samuelsson; Thernlund; Ringström, 1996). Porém, crianças, sobretudo as mais novas, demandam que as técnicas utilizadas sejam adequadas à etapa do desenvolvimento em que se encontram, bem como às características cognitivas correspondentes (Cortés, 2017; Greig; Taylor; Mackay, 2013). Dessa forma, o



desenvolvimento de um instrumento que tenciona analisar as redes sociais significativas, na perspectiva de crianças, deverá, por conseguinte, ser de fácil compreensão e não consumir demasiado tempo (considerando-se a disponibilidade física, mental e emocional da criança para a participação), mas, ainda assim, ser útil para a investigação, permitindo o engajamento dessas e o alcance da perspectiva delas acerca dos objetivos da pesquisa.

Assim, a elaboração dos instrumentos utilizados na pesquisa com crianças é parte relevante do processo de investigação. A forma como o instrumento será apresentado ao participante pode favorecer a obtenção dos dados almejados. A depender das características dos participantes, como idade e escolaridade, os recursos para elaborar e aplicar o instrumento “[...] poderão facilitar o engajamento e a manutenção da atenção na tarefa” (Nascimento *et al.* 2016, p. 67).

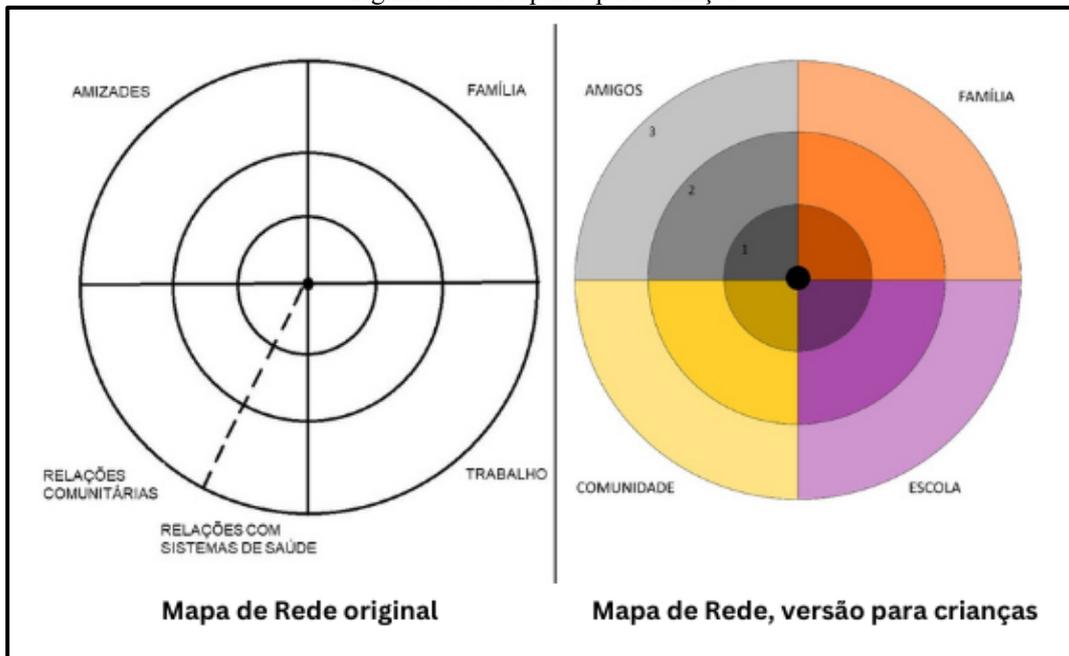
4 Adaptando o mapa de rede social significativa para utilização em pesquisas qualitativas com crianças

A adaptação do Mapa de Rede de Sluzki (1997), para o uso em pesquisas qualitativas com a população infantil, teve como base as orientações descritas para o uso com adultos (Sluzki, 1997), sistematizadas por Moré e Crepaldi (2012), bem como dos estudos que se propuseram a investigar o apoio social e as redes sociais pessoais de crianças em idade escolar, descritos na seção 3. Considerou-se, para tanto, as particularidades do período específico do desenvolvimento, sobretudo associadas à compreensão e à linguagem, e os materiais para construção do Mapa (que são descritos nesta seção). É importante mencionar que todo o processo descrito nesta seção foi submetido à análise independente de duas juízas *experts* em Psicologia do Desenvolvimento Infantil, em pesquisa qualitativa e em psicoterapia com crianças e famílias. Após esta análise, modificações foram realizadas e estudos de sensibilização foram feitos com crianças de seis a 12 anos.

A sistematização de Moré e Crepaldi (2012), para a aplicação do Mapa de Rede em pesquisas qualitativas com adultos, prevê que o Mapa seja apresentado ao participante em uma folha em tamanho A3 (42 centímetros de largura por 29,7 centímetros de altura), com quatro quadrantes (família, amigos, trabalho e relações comunitárias, o qual pode ser subdividido em outros tipos de relação, como sistemas de saúde) e três círculos de intimidade (nível 1, mais interno, representando as relações mais significativas; nível dois, intermediário, para as relações de importância moderada; e nível três, mais externo,

localizando as relações ocasionais) (Figura 1). Para o Mapa de Rede adaptado para crianças, utilizou-se o mapa impresso em formato de *banner* de lona (100cm x 100cm), dividido em quatro quadrantes (família, amigos, comunidade e escola), sendo cada um de uma cor (Figura 1). Os quadrantes foram divididos em diferentes círculos de intimidade, sendo o círculo de nível 1 impresso em cores com tonalidade mais escura, as quais vão se tornando mais claras progressivamente nos níveis 2 e 3. Sugere-se as seguintes cores: laranja, amarelo, roxo e cinza, considerando-se a minimização de vieses relacionados à possibilidade de a criança apresentar daltonismo (não sendo recomendada a utilização das cores verde e vermelho) ou aspectos relacionados a estereótipos de gênero (comumente relacionadas às cores azul e cor-de-rosa).

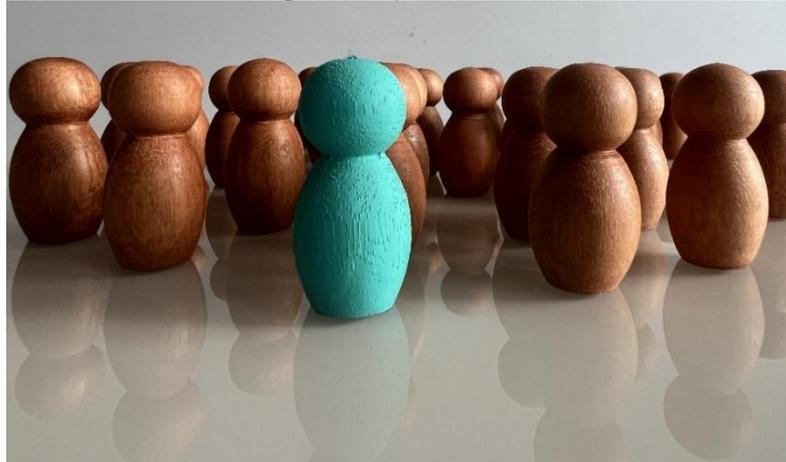
Figura 1: Mapa de Rede Social Significativa original de Sluzki (1997) e Mapa de Rede Social Significativa adaptado para crianças



Fonte: Elaborada pelas autoras.

No Mapa de Rede de adultos, os membros da rede são desenhados em cada quadrante, com lápis grafite, sendo nomeados de acordo com o participante. Para o Mapa de Rede adaptado para crianças, foram utilizados bonecos de madeira numerados embaixo da base inferior, os quais são utilizados para representar os membros da rede que a criança irá nomear como significativos para ela, como ilustra a Figura 2.

Figura 2: Bonecos de madeira utilizados na aplicação do Mapa de Rede Social Significativa adaptado para crianças



Fonte: Foto elaborada pelas autoras.

O roteiro de perguntas utilizado na entrevista de elaboração do Mapa de Rede com adultos é baseado em questões relativas a quem são as pessoas importantes na vida do participante e que fornecem apoio/ajuda naquele determinado contexto, considerando o objetivo da pesquisa, e como são as funções desse apoio/ajuda. Já, na elaboração da Mapa adaptado para crianças, utilizou-se personagens (desenhos de animais), para representar os membros de uma rede hipotética, a fim de que a criança pudesse compreender o conceito de apoio e as diferentes formas de auxílio que podem ser prestadas, antes de nomear os membros de sua própria rede.

5 Aplicando o mapa de rede social significativa, versão para crianças

No contexto da pesquisa qualitativa com crianças, anteriormente à utilização do Mapa como instrumento de coleta de dados, é necessário que seja feita a apresentação da pesquisa e dos respectivos objetivos ao participante infantil. Em pesquisas com crianças, essa prática também deve ser realizada tanto para o adulto responsável pela criança quanto para a própria criança. Neste ponto, cabe salientar a importância do planejamento do pesquisador quanto à adaptação da linguagem, de modo que a explicação se torne acessível para a linguagem infantil. Após a concordância de ambos, apresenta-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o adulto responsável, o e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para a criança, sendo este formulado em linguagem acessível, sendo possível utilizar recursos lúdicos como histórias ou vídeos, para facilitar a compreensão. Também é importante consultar a criança e seus



responsáveis quanto à autorização para a gravação em áudio durante a elaboração do Mapa de Rede.

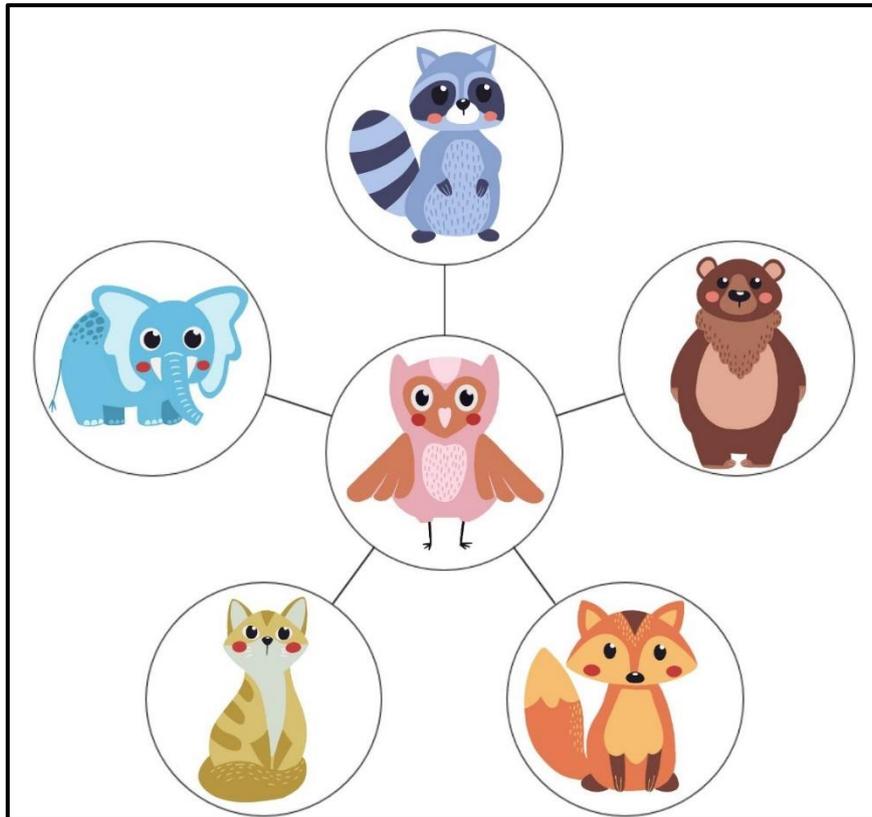
Uma vez obtido o consentimento nos dois termos, inicia-se a primeira etapa de aplicação do Mapa de Rede, versão infantil: o *aquecimento* com a criança. Este se caracteriza pelo uso de instrumentos ou técnicas escolhidos pelo pesquisador, em conformidade com os objetivos da investigação, como entrevistas; de desenho; fotografia; entre outros, a fim de abordar a temática específica do estudo e estabelecer o *rapport*, que representa o conjunto de estratégias adotadas por ele para desenvolver um sentimento de confiança e igualdade para as crianças. Para manter uma atmosfera flexível e criativa durante o processo de pesquisa, ele apresenta suas instruções/informações de maneira descontraída e amigável. Essas medidas possibilitam construir um relacionamento com o participante infantil, gerando dados mais ricos (Huang *et al.* 2016).

Destaca-se a importância deste momento, tendo em vista que a criança precisa estar à vontade para expressar seus sentimentos e pensamentos, bem como experimentar a participação na pesquisa de forma confortável e satisfatória para ela. A depender dos instrumentos escolhidos e do tempo que sua aplicação, pode-se fazer uma pausa entre o momento de aquecimento e a aplicação do Mapa de Rede, versão para crianças.

Finalizada a primeira etapa, parte-se para a segunda, em que a principal tarefa é *situar a criança sobre o conceito de rede social e as diferentes funções desempenhadas pelos membros da rede*. Para a obtenção dessas informações, explica-se para a criança o que é “rede de apoio”, a partir da apresentação de desenhos de animais. Esta foi adotada pelo seu componente lúdico, a fim de manter o interesse e o engajamento na tarefa, bem como pelo seu caráter neutro, se comparados às figuras humanas, de modo a reduzir possíveis viesamentos nas respostas por questões étnicas, de gênero, papéis sociais, estereótipos etc., que pudessem ser evocados por figuras humanas.

Dessa forma, a título de exemplo, apresenta-se para a criança “a rede de apoio da coruja”, composta por cinco diferentes membros (também animais). Ela pode ser convidada, inicialmente, para nomear os animais e identificá-los, para que possa se familiarizar com o material apresentado. O pesquisador descreve para a criança como se constitui/organiza a “rede social pessoal da coruja”, indicando que os animais (raposa, elefante, gato, urso e guaxinim) “são importantes para a coruja e a ajudam de várias maneiras” (Figura 3).

Figura 3: Exemplo da “rede social significativa da coruja”, utilizado no Mapa de Rede Social Significativa adaptado para crianças



Fonte: Ilustrações elaboradas e cedidas por Mazzuco, L. de S. (2024) às autoras.

Na Figura 4, apresenta-se, por meio de desenhos, várias maneiras (funções) que ilustram como os diferentes animais podem ajudar/apoiar a coruja, exprimindo exemplos de: *apoio emocional* (quando a coruja se sente triste, com medo ou com raiva), *companhia social* (passando tempo junto com a coruja, brincando com a coruja etc.), *guia cognitivo e de conselhos* (explicando coisas para a coruja, dando-lhe conselhos), *regulação social* (ajudando a coruja a resolver conflitos, quando acontece algum problema), *ajuda material e de serviços* (fazendo comida para a coruja, dando remédio quando ela fica doente, arrumando a casa dela etc.) e *acesso a novos contatos* (apresentando novos animais para a coruja conhecer). O pesquisador descreve para a criança a função retratada no desenho, caracterizando o tipo de ajuda/apoio prestado/recebido. A Figura 4 ilustra a função de *ajuda material*, prestada pela raposa, sendo sugerido a seguinte descrição: “aqui, a raposa ajuda a coruja, dando brinquedos para ela”.

Figura 4: Exemplos das diferentes funções dos vínculos na “rede social significativa da coruja”, utilizados no Mapa de Rede Social Significativa adaptado para crianças



Fonte: Ilustrações elaboradas e cedidas por Mazzuco, L. de S. (2024) às autoras.

Após se certificar de que a criança compreendeu o que foi apresentado, parte-se para a terceira etapa, intencionando que o participante possa *conhecer o desenho do mapa e o material a ser utilizado*, então, mostra-se à criança o mapa impresso em formato de *banner* (Figura 1). Ademais, a experiência com a aplicação do Mapa demonstrou que é importante esclarecer para a criança que as pessoas incluídas nos diferentes quadrantes podem ser adultos, idosos, adolescentes e crianças, por exemplo, tendo em vista que o participante infantil pode presumir que somente devem ser incluídos adultos, ou, ao contrário, apenas crianças, em sua rede. Algumas manifestam o desejo de incluir os *pets* (animais de estimação) na sub-rede da família ou de amigos. Esse foi um aspecto igualmente identificado por Baumgartner *et al.* (2012) e Gleason (2002), que indicaram que especialmente crianças pequenas podem considerar animais de estimação e amigos imaginários como importantes fontes de apoio emocional e companhia social. Isso posto, entende-se que o pesquisador deve aceitar a inclusão desses “membros” na rede social significativa de crianças.

Além disso, o quadrante da comunidade exige uma explicação mais detalhada para que a criança possa compreender quem incluir. Neste ponto, conhecer de antemão (com entrevista, questionário sociodemográfico, observação participante ou inserção ecológica) quais são os ambientes da comunidade que a criança frequenta pode auxiliar na elaboração de descrições mais coerentes com a realidade de cada participante. Adicionalmente, é importante explicar que nem todos os círculos ou quadrantes precisam ser preenchidos, caso não haja membros da rede para serem acrescentados, conforme as suas vivências e relações interpessoais.



Dessa forma, após a apresentação gráfica do Mapa de Rede à criança, lhe é entregue um boneco de madeira na cor verde-água (Figura 2), o qual representará a própria criança e ficará localizado no círculo preto, no centro do Mapa (Figura 1), como a coruja do exemplo apresentado, que está no centro dos animais que fazem parte da sua rede (Figura 3). Em seguida, instrui-se a criança de que outros bonecos de madeira (exemplificados na Figura 2) irão representar os membros da sua rede, que devem ser colocados no Mapa por ela. Sugere-se que esses bonecos sejam representativos da figura humana, sem distinção de idade, gênero ou etnia, a fim de que a criança possa utilizá-los de acordo com a sua realidade particular.

A próxima etapa é a *construção do Mapa de Rede*: o pesquisador entrega um boneco à criança, que o nomeia e o localiza no Mapa (quadrante e círculo). A cada membro colocado, pede-se que ela explique e justifique por que ele é importante para ela e de que forma a ajuda, e em qual momento ou situação de sua vida ocorre/ocorreu essa ajuda (a investigação dos diferentes contextos deve responder aos objetivos definidos pelo pesquisador). No momento da coleta de dados, pergunta-se à criança: “de que modo esta pessoa te ajuda ou é importante para você?”, o participante deve responder livremente. É possível que o membro citado exerça mais de uma função e, nesse caso, o pesquisador precisa, em conjunto com a criança, buscar qual é a função predominante de cada relação mencionada. Nesse sentido, algumas perguntas podem auxiliar, como, por exemplo: “como você acha que esta pessoa te ajuda mais?”; “o que é mais importante para você?”; ou “como você se sente mais ajudado por esta pessoa?”.

A experiência de aplicação do Mapa de Rede com crianças demonstrou ser mais efetivo entregar um boneco de cada vez para o participante localizar no Mapa. Durante a coleta de dados, os bonecos podem permanecer guardados em recipiente (caixa ou sacola) não-transparente, de modo que a criança não visualize a totalidade de bonecos. Isso é importante, pois, de outra forma, a despeito das explicações, é possível que a criança deseje colocar todos os bonecos no Mapa sem discriminação, como numa brincadeira, o que pode prejudicar o andamento da coleta e a resposta aos objetivos da pesquisa. Ainda nesta etapa, conforme a criança inclui os bonecos no Mapa, o pesquisador anota suas escolhas em uma tabela, onde são registrados os nomes que ela cita para cada membro (exemplo, “mãe”), e o quadrante e o círculo em que o boneco foi posicionado pelo participante [exemplo, para um membro da rede da Família (quadrante da família), nível 1 (círculo 1), pode-se utilizar a sigla “F1”]. Assim, o pesquisador saberá, posteriormente,

que um boneco foi localizado na família, no primeiro quadrante, correspondendo à “mãe da criança” participante.

Uma vez localizados todos os membros da rede que foram escolhidos e citados pela criança, nos diferentes quadrantes e círculos, pergunta-se qual a impressão dela ao visualizar o Mapa completo, com o questionamento: “o que você acha desse mapa?”; e que ela pensa e/ou sente quando o olha: “o que você pensa quando vê esse mapa?”. Por vezes, é possível que, nesse momento, ela queira acrescentar, retirar, ou modificar a localização de membros na rede. A quarta etapa é a de *conclusão da aplicação do Mapa de Rede*, a qual possibilita a integração da experiência de construção da rede de apoio. Finalizada a construção do Mapa de Rede, o pesquisador agradece à criança pela sua participação e disponibilidade e despede-se dela. Caso seja de interesse do participante, é possível que o pesquisador providencie uma cópia digital do Mapa elaborado pela criança, a partir de uma fotografia, e o envie via e-mail ou aplicativo de mensagem de *smartphone*, para os seus responsáveis entreguem para a criança.

Figura 5: Exemplo de Mapa de Rede Social Significativa adaptado para crianças, elaborado por um participante infantil de pesquisa qualitativa



Fonte: Pesquisa desenvolvida pela segunda autora (CAAE 71834323.4.0000.0121)



6 Analisando o mapa de rede social significativa, versão para crianças

Após o processo de coleta e transcrição literal dos dados, é preciso proceder à análise. As características estruturais das redes sociais significativas de crianças podem ser analisadas em termos de tamanho (quantidade de pessoas que compõem a rede), densidade (a relação entre os membros da rede independentemente do participante), distribuição de cada membro como pertencente aos diferentes contextos (quadrantes), dispersão (nível de intimidade entre o sujeito e os membros de sua rede), e homogeneidade/heterogeneidade referente às variáveis como idade e sexo dos membros da rede. Destaca-se que as características estruturais podem ser analisadas tanto de cada participante do estudo quanto a partir do conjunto de todos os participantes.

A fim de analisar as funções das redes sociais infantis, na primeira etapa, o pesquisador deverá categorizar os relatos das crianças acerca das diferentes formas como os membros de suas redes as ajudam/apoiam ou são importantes para elas, de acordo com a nomeação idealizada por Sluzki (1997), para as funções dos vínculos. Esse procedimento é necessário, pois, na aplicação com participantes infantis, as funções não são apresentadas com os nomes originais, que foram definidos por Sluzki, uma vez que não seriam de fácil compreensão para crianças em idade escolar. Assim, durante a elaboração do Mapa de Rede, a partir da estimulação dos exemplos da “Rede da Coruja”, a criança indica o nome da pessoa, o quadrante e o círculo onde quer colocá-la, expressando livremente o(s) modo(s) como se sente ajudada/apoiada por ela, ou o que ela faz que a torna importante para a criança. Posteriormente, será tarefa do pesquisador classificar, de acordo com a nomenclatura definida por Sluzki (1997), a função predominante de cada membro da Rede, indicada pela criança.

Recomenda-se que dois pesquisadores analisem, de forma independente, as funções dos vínculos da Rede, citadas pelas crianças e, posteriormente, comparem suas análises, para conseguirem maior fidedignidade aos relatos. Ao comparar, é possível que surjam dúvidas e discordâncias e, para resolvê-las, indica-se que seja incluído um terceiro pesquisador associado ao grupo de investigação. Caso as questões permaneçam ou outras surjam, sugere-se que sejam acionados novos juízes independentes, com experiência na aplicação do instrumento, a fim de auxiliar nas decisões.

Como produto da pesquisa e/ou apresentação dos resultados, podem ser elaboradas figuras dos Mapas de Rede individuais (de cada criança participante) e um Mapa Geral das Redes de todas as crianças participantes do estudo. Também podem ser



produzidos gráficos, com finalidades distintas: a) indicando as funções desempenhadas pelos membros das redes sociais dos participantes; b) demonstrando a multidimensionalidade dos vínculos; c) apontando a distribuição dos vínculos em cada quadrante; e d) sinalizando a dispersão dos vínculos nas redes.

Como recomendação para a construção de categorias de análise, no âmbito de pesquisas qualitativas que utilizem o Mapa de Rede, versão para adultos, ou o Mapa de Rede, versão para crianças, incentiva-se a leitura da sistematização elaborada por Moré e Crepaldi (2012), para a aplicação e análise dos dados decorrentes desse instrumento. A análise do Mapa de Rede pode compor o conjunto de categorias derivadas do procedimento de verificação empregado no método adotado pelo pesquisador, tais como análise de conteúdo, análise temática ou análise utilizando a *Grounded Theory*. Sugere-se que uma das categorias seja nomeada “dinâmica relacional das redes sociais significativas das crianças” (incluindo-se o contexto em que essas redes foram investigadas), de modo que as subcategorias podem ser sub-redes (família, amigos, comunidade, escola) e os elementos de análise podem ser as funções desempenhadas pelos vínculos.

7 Utilizando o mapa de rede social significativa, versão para crianças, em pesquisas qualitativas

Com o intuito de exemplificar a aplicação do Mapa de Rede, versão para crianças, em pesquisas qualitativas com participantes infantis (em idade escolar), serão descritos dois exemplos que nortearam a adaptação desse instrumento, ora aqui apresentada.

7.1 Exemplo 1: Pesquisas sobre as redes sociais significativas de crianças durante a pandemia de COVID-19

Durante o ciclo vital, é possível a ocorrência de eventos estressores que repercutem no cotidiano e no desenvolvimento humano, como crises sanitárias e de saúde (como a pandemia de COVID-19), o surgimento de doenças crônicas, bem como situações de vulnerabilidade social e de violência. Conhecer as redes sociais de crianças que experienciam esses eventos, sob o ponto de vista delas, utilizando o Mapa de Rede Social Significativa, versão para crianças, como instrumento de coleta de dados, pode auxiliar na análise de situações de crises que afetam o desenvolvimento infantil e, a partir disso, elaborar estratégias de intervenção em rede.



Ao convidar as crianças, em pesquisas, a identificar os membros de sua rede social individual, em um momento como a pandemia de COVID-19 (pesquisa desenvolvida pela primeira autora), pode-se auxiliá-las a visualizar, enquanto perspectiva, a possibilidade de recorrer a essa rede em outros momentos semelhantes. Além disso, em termos de intervenção, é possível fortalecer, a partir dos dados infantis, as redes das crianças, indicando aos membros mencionados sua relevância no apoio fornecido. Ainda, a partir da distribuição dos vínculos, pode-se perceber em que contexto (quadrante) há ausência de membros e ampliar os modos de articular, para que novas relações possam ser desenvolvidas na família, entre amigos, na comunidade ou na escola.

É possível considerar o contexto escolar como ambiente favorável à proteção dos direitos infantojuvenis e de revelação da situação de violência doméstica (Elsen *et al.*, 2019). Assim, verificar a perspectiva infantil sobre as relações provenientes da escola, sobretudo com os adultos, pode indicar a necessidade de trabalho no fortalecimento de vínculos. Com o Mapa de Rede, é possível identificar, por exemplo, que membros da escola se mantiveram ativos ou inativos durante a pandemia de COVID-19 e, de modo conjunto, criar ferramentas para que, em outros momentos de crise sanitária e de saúde, as relações escolares se mantenham protetivas às crianças. Nessa direção, a aplicação do Mapa de Rede adaptado pode ser uma ferramenta promissora para ampliar a compreensão das interações sociais e do suporte recebido pelas crianças no contexto educacional, contribuindo, potencialmente, para subsidiar educadores, gestores e profissionais da área na construção de estratégias voltadas ao fortalecimento de vínculos e à promoção do desenvolvimento socioemocional infantil.

7.2 Exemplo 2: Pesquisa sobre as redes sociais significativas de crianças em contexto de doenças crônicas

Tendo em vista a complexidade da experiência de crianças em situação de adoecimento crônico e suas vivências em contextos de saúde, tais como hospitais e ambulatórios (Neves *et al.* 2017; Silva; Oliveira; Souza, 2022), considera-se que a sua perspectiva acerca de sua rede social individual (pesquisa desenvolvida pela segunda autora), pode indicar, por exemplo, quem são as pessoas que podem auxiliá-las nos diferentes momentos que procedem ao diagnóstico, incluindo a adesão ao tratamento e seus desafios. Identificar vínculos específicos prestadores de apoio, para funções específicas, pode facilitar o planejamento de intervenções junto às crianças e famílias que



passam a conviver com uma condição crônica. Por exemplo, sabendo-se que as crianças permanecem entre um e dois turnos diários, no contexto escolar/educacional, visibilizar as funções de apoio das pessoas presentes nesse cenário, e o quanto elas de fato auxiliam na execução das tarefas de autocuidado da doença pode viabilizar melhor adesão ao tratamento.

Além disso, a pesquisa realizada pela segunda autora apresenta uma proposta longitudinal, o que abre a possibilidade de analisar as modificações que podem ocorrer na rede social significativa de crianças com doenças crônicas ao longo do tempo. Torna-se possível a visualização de quais são os membros que se mantêm, quais são incluídos e quais, porventura, deixam de estar presentes como prestadores de apoio, frente ao cenário do diagnóstico. Isso vai ao encontro da proposta de Sluzki (1997), considerando a rede social significativa como dinâmica e não estática, o que salienta a importância dessa avaliação longitudinal.

8 Considerações finais

Entende-se que uma das relevâncias da adaptação do Mapa de Rede para o uso com crianças em idade escolar em pesquisas qualitativas se refere à noção de que as redes sociais significativas das crianças podem ser consideradas como fatores de proteção ao desenvolvimento, pois há relações entre a qualidade do desenvolvimento humano e das redes sociais com as quais as pessoas interagem (Sluzki, 1997; Moré; Crepaldi, 2012). Os fatores de proteção podem ser constituídos pelos atributos das pessoas e pelos vínculos construídos no sistema familiar e/ou em outros contextos (escola, trabalho, centros religiosos e serviços de saúde), que ofereçam suporte emocional e social em momentos de crise e estresse (Morais; Koller; Raffaelli, 2012).

Compreender as perspectivas infantis acerca de que membros compõem suas redes sociais significativas em diferentes contextos e situações, bem como quais funções atribuem aos seus vínculos, vai ao encontro da ótica que sustenta a pesquisa qualitativa com crianças. Compreender os sentidos que os adultos atribuem às questões envolvendo crianças é necessário, mas pode não capturar o que é significativo ou o que a criança identifica como a sua definição de realidade (Cortés, 2017; Gillett-Swan, 2018; Water *et al.*, 2020). Além disso, medidas objetivas e padronizadas acerca das perspectivas das crianças sobre os variados aspectos de sua vida podem não ser suficientes (Gillett-Swan, 2018). Nesse sentido, os estudos qualitativos, sob os paradigmas apresentados neste



estudo, respeitam a capacidade das crianças de fornecerem dados especializados sobre questões que elas vivenciam e possibilitam a compreensão de como concebem e significam suas experiências, dentre as quais, as que se relacionam ao apoio e à rede social significativa. Assim, investigações realizadas com crianças e que utilizam instrumentos de abordagem qualitativa, como o Mapa de Rede, permitem acessar as perspectivas infantis sobre suas relações em situações e contextos diversos.

A partir das pesquisas desenvolvidas pelas autoras deste estudo, decorrem possibilidades analíticas que evidenciam como a aplicação do Mapa de Rede, em conjunto com outras técnicas de coleta de dados, como as entrevistas, pode contribuir para a compreensão das relações que as crianças estabelecem em diferentes contextos: família, escola, comunidade e amizades. No contexto familiar, o instrumento pode auxiliar na identificação de figuras de apoio emocional, dinâmicas de proximidade ou afastamento e possíveis lacunas no suporte cotidiano. No contexto escolar, permite auxiliar no diagnóstico de fatores relacionais que impactam o engajamento e o bem-estar dos alunos, como a presença (ou ausência) de vínculos com professores e colegas. No âmbito comunitário, possibilita visualizar o grau de inserção da criança em espaços sociais mais amplos, revelando conexões com vizinhos, instituições locais ou grupos comunitários que podem atuar como fontes de proteção ou, ao contrário, indicar situações de isolamento. No contexto das amizades, o mapeamento oferece subsídios para compreender aspectos da sociabilidade, do pertencimento e da qualidade das interações com os pares

Em vista dos apontamentos apresentados, compreende-se que o Mapa de Rede, em sua versão adaptada para crianças em idade escolar e utilizado em pesquisas qualitativas, mostra-se efetivo na apreensão de dados relevantes para a análise das redes sociais pessoais infantis. Como principal limitação, destaca-se o fato de que, até o momento, esse instrumento foi aplicado apenas em dois contextos de coleta de dados: comunitário e de doença crônica. Pesquisas futuras poderão explorar sua utilização em outros contextos, contribuindo para avaliar sua viabilidade tanto como técnica de coleta de dados quanto como recurso de intervenção voltado ao fortalecimento de redes de apoio. Nesse sentido, recomenda-se a realização de novos estudos que investiguem a dinâmica das redes sociais significativas de crianças em diferentes realidades socioculturais e espaços institucionais frequentados na infância. Para além da centralidade do protagonismo infantil nas investigações, considera-se que esse Mapa apresenta potencial de aplicação em contextos clínicos, educacionais, de saúde e de



assistência social voltados à infância, favorecendo a construção de um trabalho em rede com a própria rede da criança.

Referências

- ANTONUCCI, T. C. Measuring social support networks: Hierarchical mapping technique. *Generations: Journal of the American Society on Aging*, San Francisco, v.10, n.4, p. 10-12, 1986. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44876253>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- ANTUNES, M. H; MOREÉ, C. L. O. O. Repercussões da aposentadoria na dinâmica relacional das redes sociais significativas de aposentados. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, Campinas, v. 21, n. 1, p. 95-106, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.26707/1984-7270/2020v21n109>
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Social support. In: *APA Dictionary of Psychology*. 2025. Disponível em: <https://dictionary.apa.org/social-support>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- BAUMGARTNER, J.; BURNETT, L.; DICARLO, C. F.; BUCHANAN, T. An Inquiry of Children's Social Support Networks Using Eco-Maps. *Child Youth Care Forum*, Nova Iorque, v. 41, n. 4, p. 357–369, ago. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10566-011-9166-2>
- BELLE, D.; BENENSON, J. Children's Social Networks and Children's Well-Being. In: BEN-ARIEH, A.; CASAS, F.; FRØNES, I.; KORBIN, J. E. (org.). *Handbook of child well-being: Theories, methods and policies in global perspective*. Dordrecht: Springer Science + Business Media, 2014. p. 1335-1363. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-90-481-9063-8>
- BORGES, C. D.; SCHNEIDER, D. R. Redes sociais significativas de mulheres com história de abuso de álcool. *Nova Perspectiva Sistêmica*, São Paulo, v. 33, n. 79, p. 69–84, jan. 2024. DOI: <https://doi.org/10.38034/nps.v33i79.757>
- CARDOSO, C. D. S.; COIMBRA, V. C. C.; ANDRADE, A. P. M. D.; MARTINS, M. D. F. D.; GUEDES, A. D. C.; PEREIRA, V. R. Therapeutic trajectories of children attending a Children Psychosocial Care Center. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 41, p. e20190166, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190166>
- CASTRO, R. M. D. **As redes sociais pessoais de crianças em centro de acolhimento temporário**. 2014. 38 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto Superior de Miguel Torga, Coimbra, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/907>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- CEPA, C. M. A. D. S. **As redes sociais pessoais das crianças em acolhimento residencial: o papel dos centros de acolhimento temporário**. 2011. 48 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/18674>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- CORTÉS, A. I. R. Desenhos, vinhetas e diagramas: ouvindo as narrativas das crianças através da elucidação gráfica. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 8, n. 9, p. 1–15, jul. 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/86>. Acesso em: 28 jul. 2025.



DUE, P.; HOLSTEIN, B.; LUND, R.; MODVIG, J.; AVLUND, K. Social relations: Network, support and relational strain. **Social Science & Medicine**, Amsterdam, v. 48, n. 5, p. 661-673, mar. 1999. DOI: [https://doi.org/10.1016/s0277-9536\(98\)00381-5](https://doi.org/10.1016/s0277-9536(98)00381-5)

ELSEN, I.; PRÓSPERO, E. N. S.; SANCHES, E. N.; FLORIANO, C. J.; SGROTT, B. C. Escola: um espaço de revelação da violência doméstica contra crianças e adolescentes. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 66, p. 303-314, nov. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20375>. Acesso em: 28 jul. 2025.

FRANCO, N.; LEVITT, M. J. The social ecology of early childhood: Preschool social support networks and social acceptance. **Social Development**, Oxford, v. 6, n. 3, p. 292- 306, nov. 1997. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.1997.tb00107.x>

FURMAN, W.; BUHRMESTER, D. Children's perceptions of the personal relationships in their social networks. **Developmental Psychology**, Washington, v. 21, n. 6, p. 1016-1024. 1989. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.21.6.1016>

FURTADO, M. P.; MAGALHÃES, C. M. C.; SILVA, A. D. M. J.; SANTOS, J. D. O. D. Rede de apoio da criança acolhida: A perspectiva da criança. **Mudanças: Psicologia da Saúde**, São Bernardo do Campo, v. 29, n. 1, p. 9-20, jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/mu.v29n1p9-20>

GILLET-SWAN, J. K. Children's analysis processes when analyzing qualitative research data: A missing piece to the qualitative research puzzle. **Qualitative Research**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 290-306, jul. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/1468794117718607>

GLEASON, T. R. Social provisions of real and imaginary relationships in early childhood. **Developmental psychology**, [S. l.], v. 38, n. 6, p. 979-992, nov. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1037/00121649.38.6.979>

GONÇALVES, T. R.; PAWLOWSKI, J.; BANDEIRA, D. R.; PICCININI, C. A. Avaliação de apoio social em estudos brasileiros: Aspectos conceituais e instrumentos. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1755-1769, mar. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000300012>

GONZÁLEZ-REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios**. São Paulo: Cengage Learning, 2002.

GOMES, M. G. C.; PALOMBO, C. N. T.; SILVA, J. C.; OLIVEIRA, C. V. R. Dimensões do território que afetam o desenvolvimento infantil: o discurso do sujeito coletivo de um bairro de Salvador-BA. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 12, n. 32, p. 531-552, out. 2024. DOI: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2024.v.12.n.32.753>

GOTTLIEB, B. H.; BERGEN, A. E. Social support concepts and measures. **Journal of Psychosomatic Research**, [S. l.], v. 69, n. 5, p. 511-520, nov. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2009.10.001>

GRASSI, G. O.; MENEZES, M.; MORÉ, C. L. O. O. Rede social na coparentalidade: uma revisão integrativa. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 553-576, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.33208/pc1980-5438v0034n03a06>

GREIG, A.; TAYLOR, J.; MACKAY, T. **Doing research with children: A practical guide**. 3rd edition. London: Sage. 2013.



HARTMAN, A. Diagrammatic assessment of family relationship. **Families in Society**, Filadélfia, v. 76, n. 2, p. 97-106, fev. 1978. DOI: <https://doi.org/10.1177/104438949507600207>

HOPPE, M. M. W. **Redes de apoio social e afetivo de crianças expostas a situações de risco**. 1998. 96 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/270534>. Acesso em: 28 jul. 2025.

HUANG, X.; O’CONNOR, M.; K. E, L-S.; LEE, S. 2016. Ethical and methodological issues in qualitative health research involving children: A systematic review. **Nursing Ethics**, Surrey, v. 23, n. 3, p. 339-356, dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/0969733014564102>

LANGFORD, C. P.; BOWSHER, J.; MALONEY, J. P.; LILLIS, P. P. Social support: A conceptual analysis. **Journal of Advanced Nursing**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 95–100, jun. 1997. DOI: <https://doi.org/10.1046/j.1365-2648.1997.1997025095.x>

LEONIDAS, C.; SANTOS, M. A. Percepção do apoio social e configuração sintomática na anorexia nervosa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 40, e207693, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003207693>

MAFFEI, B.; MENEZES, M.; KRENKEL, S.; CREPALDI, M. A. Redes sociais significativas de gestantes de alto risco: um estudo qualitativo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 27, p. e48904, abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.48904>

MATURANA, D. A. S. **Young children's social connections**: Characteristics of social networks and types of support. 2016. 166 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Tennessee, Knoxville, 2016. Disponível em: https://trace.tennessee.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=5349&context=utk_graddiss. Acesso em: 28 jul. 2025.

MORAIS, N. A.; KOLLER, S. H.; RAFFAELLI, M. Rede de apoio, eventos estressores e mau ajustamento na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. **Universitas Psychologica**, Bogotá, v. 11, n. 3, p. 779-791, set./dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672012000300008. Acesso em: 28 jul. 2025.

MORÉ, C. L. O. O. As redes pessoais significativas como instrumento de intervenção psicológica no contexto comunitário. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 31, p. 287-297, ago. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000200016>

MORÉ, C. L. O. O. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 4., 2015, Aracaju. Anais... Aracaju: Ludomedia, 2015. p. 126-131. Disponível em: <https://ludomedia.org/publicacoes/livro-de-atas-ciaiq2015-vol-3-ciencias-sociais/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

MORÉ, C. L. O. O.; CREPALDI, M. A. O mapa de rede social significativa como instrumento de investigação no contexto da pesquisa qualitativa. **Nova Perspectiva Sistêmica**, São Paulo, v. 21, n. 43, p. 84-98, dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/265>. Acesso em: 28 jul. 2025.

NASCIMENTO, D. B.; FERREIRA, S. N.; ROSA, E. M.; NASCIMENTO, C. R. R.; DELL’AGLIO, D. D. Mapa dos cinco campos, genograma e ecopama no estudo da rede de



apoio social e afetiva de crianças e adolescentes. In: DIAS, A. C. G.; ROSA, E. M. (org.). **Metodologias de pesquisa e intervenção com crianças, adolescentes e jovens**. Vitória: EDUFES, 2016. p. 65-100.

NESTMANN, F.; HURRELMANN, K. Child and Adolescent Research as a Challenge and Opportunity for Social Support Theory, Measurement, and Intervention: And Vice Versa. In: NESTMANN, F.; HURRELMANN, K. (org.). **Social Networks and Social Support in Childhood and Adolescence**. Walter de Gruyter, 1994. p. 1-20.

NEVARD, I.; GREEN, C.; BELL, V.; GELLATLY, J.; BROOKS, H.; BEE, P. Conceptualising the social networks of vulnerable children and young people: a systematic review and narrative synthesis. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, [S. l.], v. 56, n. 2, p. 169–182, nov. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00127-020-01968-9>

NEVES, E. T.; BUBOLTZ, F. L.; SILVEIRA, A. da; KEGLER, J. J.; SILVA, J. H. da; SANTOS, R. P. dos; ZAMBERLAN, K. C. Rede de apoio de familiares de crianças em pronto atendimento pediátrico. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 53–65, abr. 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/74/63>. Acesso em: 28 jul. 2025.

NJELESANI, J.; MLAMBO, V.; DENEKEW, T.; HUNLETH, J. Inclusion of children with disabilities in qualitative health research: A scoping review. **PloS ONE**, São Francisco, v. 17, n. 9, e0273784, set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0273784>

NUNES, D. R.; CASAGRANDE, A. F.; VIEIRA, B. DE M.; RIBEIRO, B. M.; NUNES, K. R.; VILELA, L. G. S.; FRANÇA, T. T.; NUNES, M. R. Composição da rede social das crianças acometidas pela diabetes melittus tipo I frente aos desafios da doença. **Brazilian Journal of Development**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 2, p. 19763–19774, fev. 2021. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-562>

POWELL, M. A.; GRAHAM, A.; TRUSCOTT, J. Ethical research involving children: Facilitating reflexive engagement. **Qualitative Research Journal**, Filadélfia, v. 16, n. 2, p. 1-24, maio. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1108/QRJ-07-2015-0056>

PYO, J.; LEE, W.; CHOI, E. Y.; JANG, S. G.; OCK, M. Qualitative research in healthcare: necessity and characteristics. **Journal of Preventive Medicine and Public Health**, Seul, v. 56, n. 1, p. 12–20, jan. 2023. DOI: <https://doi.org/10.3961/jpmp.22.451>

REID, M.; LANDESMAN, S.; TREDER, R.; JACCARD, J. "My family and friends": Six-to twelve-year-old children's perceptions of social support. **Child Development**, [S. l.], v. 60, n. 4, p. 896-910, ago. 1989. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/2474411/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

REIS, C. G.; MORÉ, C. L. O. O.; MENEZES, M.; KRENKEL, S. Redes sociais significativas de familiares no processo de luto antecipatório no contexto dos cuidados paliativos. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 35, p. e220030, jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e220030>

REIS, T. C. M; AZEVEDO, A. V. S. Redes sociais significativas de homens em situação de rua no sul do Brasil. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 25, n. 3, p. 324334, set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20200033>

RIGÃO, G. S.; SANTOS, A. N.; COLOMÉ, C. S.; PEREIRA, C. R. R.; ZAPPE, J. G. Profissionais de saúde e COVID-19: saúde mental e redes sociais significativas. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 16, n.2, p. 1-23, abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.31322>



SAMUELSSON, M.; THERNLUND, G.; RINGSTRÖM, J. Using the five field map to describe the social network of children: A methodological study. **International Journal of Behavioral Development**, [S. l.], v.19, n. 2, p. 327-345, jun. 1996. DOI: <https://doi.org/10.1177/016502549601900206>

SCHERER, A. D.; OJEDA OCAMPO MORÉ, C. L.; KRENKEL, S. Redes sociais significativas de pacientes bariátricas em el contexto de recurrencia de obesidad. **Revista de Psicología**, Lima, v. 41, n. 2, p. 885-914, jul. 2023. DOI: <https://doi.org/10.18800/psico.202302.010>

SILVA, L. M. da; OLIVEIRA, M. C. de; SOUSA, R. A. de. O cuidado de crianças hospitalizadas com condições crônicas complexas: vivências e aprendizagem. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 10, n. 24, p. 277–290, ago. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2021.v.9.n.21.351>

SLUZKI, C.E. **A rede social na prática sistêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SMITH, K. P.; CHRISTAKIS, N. A. Social networks and health. **Annual Review of Sociology**, San Mateo, v. 34, p. 405-429, ago. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.34.040507.134601>

SPILSBURY, J. C.; KORBIN, J. E. Social networks and informal social support in protecting children from abuse and neglect: community ties and supports promote children's safety. **Child abuse & neglect**, [S. l.], v. 37, Suppl. 1, p. 8-16, dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2013.10.027>

TEIXEIRA, V. R. L. **As redes sociais pessoais de crianças e jovens em acolhimento residencial**: o papel das fratrias. 2011. 46 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/18635>. Acesso em: 28 jul. 2025.

THOITS, P. A. Mechanisms linking social ties and support to physical and mental health. **Journal of Health and Social Behavior**, Washington, v. 52, n. 2, p. 145–161, jun. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1177/0022146510395592>

UCHINO, B. N. Understanding the links between social support and physical health: A life-span perspective with emphasis on the separability of perceived and received support. **Perspectives on Psychological Science: A Journal of the Association for Psychological Science**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 236–255, maio. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1745-6924.2009.01122.x>

UMBERSON, D.; CROSNOE, R.; RECZEK, C. Social relationships and health behavior across life course. **Annual Review of Sociology**, San Mateo, v. 36, p. 139–157, ago. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-070308-120011>

VAN AKEN, M. A. G.; COLEMAN, J. C.; COTTERELL, J. C. Issues concerning social support in childhood and adolescence. In: NESTMANN, F.; HURRELMANN, K. (org.). **Social Networks and Social Support in Childhood and Adolescence**. Berlim:Walter de Gruyter, 1994. p. 429-441.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico**: O novo paradigma da ciência. 8ª Edição. Campinas: Papirus. 2009.



WATER, T.; PAYAM, S.; TOKOLAH, E.; REAY, S.; WRAPSON, J. Ethical and practical challenges of conducting art-based research with children/young people in the public space of a children's outpatient department. **Journal of Child Health Care**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 33-45, mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1367493518807318>

WAWRZYNSKI, S. E.; ALDERFER, M. A.; KVISTAD, W.; LINDER, L.; REBLIN, M.; GUO, J. W.; CLOYES, K. G. The social networks and social support of siblings of children with cancer. **Children**, Basel, v. 9, n. 113, p. 1-14, jan. 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/children9010113>

WOLCHIK, S. A.; RUEHLMAN, L. S.; BRAVER, S. L.; SANDLER, I. N. Social support of children of divorce: Direct and stress buffering effects. **American Journal of Community Psychology**, [S. l.], v. 17, n. 4, p. 485-501, ago. 1989. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00931174>

XIONG, T.; MILIOS, A.; MCGRATH, P. J.; KALTENBACH, E. The influence of social support on posttraumatic stress symptoms among children and adolescents: a scoping review and meta-analysis. **European Journal of Psychotraumatology**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 1-15, mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/20008198.2021.2011601>

Recebido em: 05 de junho de 2024.

Aceito em: 14 de maio de 2025.